

**A CONSTRUÇÃO DE PREDICADO FÓRICO NO PORTUGUÊS DO BRASIL
CONTEMPORÂNEO**
**THE PHORIC PREDICATE CONSTRUCTION IN CONTEMPORARY BRAZILIAN
PORTUGUESE**

Vinicius Maciel de Oliveira¹

RESUMO

Este artigo analisa a construção de predicado fórico com o verbo *fazer*, em dados do português do Brasil contemporâneo, com base em fundamentos teóricos e metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso, orientada para a explicação dos processos de construcionalização e mudança construcional. As análises empreendidas demonstram que tal construção estabelece relação fórica (anáfora ou catáfora) com algum predicado referente já mencionado, por ser mencionado ou do contexto situacional. A pesquisa revela, ainda, que o processo de referência a um predicado pode ocorrer por meio da repetição do referente, o que nos permite tratar o fenômeno, também, numa perspectiva da variação.

PALAVRAS-CHAVE: Proforma verbal, gramática das construções, mudança construcional.

ABSTRACT

This article analyzes the phoric predicate construction with the verb *do* (*fazer*), in data from contemporary Brazilian Portuguese, based on theoretical and methodological foundations of Usage-Based Functional Linguistics, oriented to explain the processes of constructionalization and constructional change. The analyzes demonstrate that such construction establishes a phoric relation (anaphor or cataphor) with some referent predicate already mentioned, for being mentioned or from the situational context. The research also reveals that the process of reference to a predicate can occur through the repetition of the referent, which allows us to treat the phenomenon, also, from a variation perspective.

KEYWORDS: Verbal proform, construction grammar, constructional change.

¹ Professor Adjunto do Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores DA Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: vmoliveira@me.com.

Introdução

Texto, segundo uma concepção sociocognitiva-interacional (cf. KOCH, 2006, p. 12), é um conjunto de sentidos construídos e administrados pelo interlocutor, em função da inter-relação entre o receptor, o texto, o emissor e as propriedades não formais (como o conhecimento de mundo, por exemplo). O falante marca suas intenções comunicativas, de um modo geral, por meio de pistas formais sinalizadas por construções linguísticas que deem conta de tais objetivos e que possam ser depreendidas pelo interlocutor, que, assim, atribui coerência ao texto.

No que diz respeito aos aspectos formais, algumas construções contribuem para que os sentidos sejam administrados e relacionados a outros sentidos dentro e/ou fora do texto pelo interlocutor. As proformas são exemplares prototípicos dessa formalização que permite tal administração, uma vez que apresentam um comportamento no texto cuja função consiste na condensação de informações referenciais em formas que essencialmente são dotadas de tal capacidade, como os pronomes, por exemplo, ou em formas que, eventualmente, se prestam a tal finalidade, como é o caso das proformas verbais, por exemplo.

Por ter sido uma estratégia de coesão referencial pouco abordada, em termos de comportamento geral, este artigo, com base no aporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), visa a uma análise e descrição do procedimento de referência a outros predicados por meio de construções com a proforma verbal *fazer*, em textos escritos e orais do português do Brasil contemporâneo. Tal fenômeno está exemplificado a seguir.

(1): *A partida ainda teve um lance bastante inusitado, aos 22 minutos do segundo tempo. O meio-campista Maktom foi expulso após **agredir Rodney Wallace com um soco no rosto. Ele fez isso** após a bola sair pela linha de fundo e ser empurrado pelo jogador do Sport. Pela reação exagerada, foi expulso.* (<http://espn.uol.com.br/> - 26/11/16 - Acesso em 28/11/16)

(2): *A bióloga e ambientalista Izabella Teixeira, ministra do Meio Ambiente entre 2010 e 2016, ressaltou que muitas vezes, para equilibrar interesses de diversas políticas públicas, sua gestão **precisou alterar status de áreas protegidas** - mas que **o fez** sob compensações considerando a mesma biodiversidade.* (<https://g1.globo.com/> - Acesso em 30/05/19)

Nos exemplos (1) e (2), observamos as construções destacadas com negrito (*fez isso* e *o fez*) funcionando como anáforas de predicados referentes destacados com sublinhado (*agredir Rodney Wallace com um soco* e *precisou alterar status de áreas protegidas*, respectivamente). Sob a hipótese

de que determinado item sofre os efeitos de mudança numa língua por pertencer a um ambiente construcional propício, já que é recrutado para preencher *slots* disponíveis num determinado nível da rede construcional (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), as análises buscam caracterizar aspectos formais e funcionais da construção, que chamaremos aqui de construção de predicado fórico (doravante CPF). Quanto a essas propriedades da construção em foco, as análises tentam esclarecer, também, diferentes comportamentos, com vistas a explicar uma possível rede de construções relacionadas. Nesse sentido, a hipótese de tratamento dos dados, que é baseada em Machado Vieira (2001), é a de que *fazer* passa a se comportar de modo mais instrumental, em função do papel referencial que exerce na CPF.

Este texto está organizado em quatro seções, além desta introdução. Primeiramente conceituamos a categoria “proforma”, de acordo com as leituras de Fávero (2004 [1991]), Koch (2016 [1989]), Rassi (2008) e Machado Vieira (2001). Em seguida, discutimos a pertinência das orientações teórico-metodológicas da LFCU para o tratamento dos dados. Assim, buscamos relacionar a pesquisa ao processo de mudança construcional, com base no pressuposto de que existe uma espécie de construção gramatical formada por *verbo + forma fórica*. A seção seguinte consiste na análise e descrição dos dados. O texto finaliza-se com as considerações finais, em que se apresentam, além de um resumo sobre os resultados encontrados, os futuros desdobramentos da pesquisa em andamento.

1. Proformas verbais: conceito e revisão de estudos

Como mencionado, há pouca descrição de proformas verbais na literatura e, por conta disso, cabe uma revisão crítica com vistas a identificar o lugar de tal categoria na gramática. Dessa forma, nesta seção discutimos o que se tem disponível acerca do tema, com base em Fávero (2004), Koch (2016), Rassi (2008) e Machado Vieira (2001).

Com o objetivo de definir a estratégia de coesão referencial, Fávero (2004, p. 18) aponta que há elementos que “não são interpretados semanticamente por seu sentido próprio, mas fazem referência a alguma coisa necessária a sua interpretação”. No escopo da coesão referencial, a autora apresenta duas subcategorias: a substituição, processo que inclui a proforma verbal, e a reiteração, definida como repetição de termos num texto².

O mecanismo da substituição ocorre por meio do uso de proformas, que são, segundo Fávero (2004), elementos gramaticais representantes de uma determinada classe – os pronomes, por exemplo, representam a classe dos nomes. Tais elementos caracterizam-se por baixa densidade sêmica, o que os

2 A autora inclui, também, os sinônimos, hipônimos e hiperônimos, como formas de expressar a coesão por reiteração.

leva a incorporar as marcas do seu referente. Proformas podem ser nominais (*Tenho um automóvel. Ele é verde*), verbais (*Lúcia corre todos os dias no parque. Patrícia faz o mesmo*), adverbiais (*Paula não irá à Europa em janeiro. Lá faz muito frio*), numerais (*Mariana e Luiz Paulo são irmãos. Ambos estudam inglês e francês*) e podem exercer sintaticamente as funções de pro-sintagma – caso o pronome, a proforma adverbial ou a proforma numeral assumam a função de um sintagma, por exemplo –, pro-constituente – caso o pronome assumam a função de um determinante, por exemplo (*Há a hipótese de terem sido os asiáticos os primeiros habitantes da América. Essa hipótese é bastante plausível*) ou pro-oração – caso em que a construção com a proforma verbal assume o papel de oração.

Mais especificamente acerca das proformas verbais, Fávero (2004) comenta que, em português, apenas os verbos *fazer*, já exemplificado, e *ser* (*Vou emprestar-lhe o dinheiro, mas quero que saiba que se o faço é porque confio em você*) podem desempenhar o papel de elementos referenciais. Afirma, ainda, que *fazer* substitui apenas verbos que indicam ação, de modo que outros significados, como o de estado, são bloqueados (**Eduardo se parece com a mãe. Lúcia faz o mesmo*). No que diz respeito à parte formal da coesão via proforma verbal, Fávero descreve que o uso de *fazer* como tal categoria exige, necessariamente, a presença de uma proforma nominal (*o, o mesmo, isto* etc.).

Num trabalho especificamente voltado para o tratamento da coesão textual, Koch (2016) oferece mais detalhamento sobre o mecanismo da coesão referencial, que se constrói com base em dois elementos - forma remissiva e referente textual. Não se pode perder de vista que, além dessa relação entre forma referente e forma remissiva, o contexto que envolve ambas deve ser considerado numa explicação acerca do processo de coesão referencial.

Tais formas remissivas, segundo a autora, podem ser (i) “gramaticais”, quando não fornecem ao interlocutor qualquer informação de sentido, mas somente sinalização de conexão; e (ii) lexicais, quando, além de expressarem conexão, tem significado dicionarizado, possível e localizável no universo extralinguístico. Interessa diretamente a este texto o que Koch chama de “formas remissivas gramaticais”, que, ainda, podem ser presas – classe dos determinantes – e livres – pronomes pessoais de terceira pessoa, elipse, pronomes substantivos, numerais, advérbios pronominais e formas verbais remissivas (proformas verbais).

Dessas formas remissivas livres, Koch (2016) descreve que *fazer* tem sido denominado como proforma verbal e deve sempre ser acompanhado de uma forma pronominal do tipo “o mesmo”, “o”, “isto”, “assim” etc. Combinados, tal estrutura não remete “apenas a um verbo, mas a todo o predicado, isto é, o verbo com seus complementos e adverbiais” (KOCH, 2016: 47). Segundo a

autora, no inglês, há “verdadeiras proformas verbais” (o verbo *to do*) e no português, tais formas são usadas de modo bem limitado. Além de *fazer*, exemplificado e explicado, o verbo *ser* pode apresentar significado remissivo em “OK. *Empresto-lhe o carro. Mas é porque confio em você.*”.

Dentre várias categorias do verbo *fazer* que Rassi (2008) investiga, destacam-se, para este trabalho, dois usos denominados pela autora como hiperverbo e verbo vicário. O primeiro corresponde a contextos em que *fazer* substitui, sem relação fórica, um outro verbo de valor mais específico, como acontece em “Ana fez uma pintura” (exemplo da autora). Nessa construção, *fazer* funciona como uma espécie de hipercategoria, comportamento semelhante aos hiperônimos, por exemplo. Para Machado Vieira (2001), nessa situação, *fazer* funciona como verbo predicador não-pleno; ou seja, sintaticamente, ele desempenha o papel de projetar os argumentos, mas, semanticamente, seu significado lexical, aquele mais próximo da primeira acepção do dicionário, não é cheio. O uso como verbo vicário corresponde, de acordo com Rassi (2008), à categoria que se pretende analisar neste texto; isto é, um recurso coesivo para retomar predicados anteriores.

De acordo com a análise promovida por Rassi (2008), as categorias hiperverbo e verbo vicário configuram polos prototípicos de um *continuum* e, em alguns dados, percebem-se propriedades tanto de uma categoria como de outra. O uso de *fazer* nas sentenças “O mesmo se está fazendo na Nova Zelândia” e “Quando contei o que pretendia fazer, Mari hesitou”, segundo a autora, encontra-se em situação de fronteira, mas diferencia-se do uso referencial pela razão de que, para ser um verbo vicário, o seu referente tem de estar expresso. Neste texto, dados como esses anteriores, classificados como hiperverbo por Rassi (2008), configuram-se como construções de predicado fórico, já que a noção de referência pode ultrapassar os limites formais do texto e chegar ao contexto.³

Machado Vieira (2001), ao abordar a multifuncionalidade do verbo *fazer*, discute seu emprego como elemento de coesão. A autora comenta que tal verbo, na condição de proforma, manifesta baixo valor semântico, mantendo-se, no entanto, no domínio da atividade e passa a sinalizar alto valor remissivo, o que a leva à posposta de que tal item é afetado pelo processo de discursivização, entendendo-o como um elemento atuante dentro de restrições discursivo-textuais.

Machado Vieira (2001) demonstra que a coesão pode ser estabelecida a partir de predicções já realizadas no texto, estados de coisas mais ou menos recuperáveis na situação sócio- comunicativa ou conhecimento de mundo dos participantes. Para a autora, *fazer* revela comportamento remissivo e se constrói numa estrutura relativamente fixa e previsível e, por isso, tal verbo não tem mais o estatuto de

3 Tal análise está detalhada na seção “Análise dos dados”.

verbo predicador e passa a funcionar de modo mais instrumental, assumindo atribuições de “controle da informação textual”. Tais propriedades podem ser percebidas nos dois exemplos a seguir.

- (i) “*Que irá fazer Gutierrez? Para já apóia o ministro do Ambiente. Mas pode, à boa maneira de Pôncio Pilatos, deixar o assunto morrer no Parlamento e lavar as mãos (...)*”
- (ii) “*Em saúde e educação é preciso investir para progredir. Quem está fazendo isso no Brasil?*”
(Exemplos da autora)

O exemplo (i), segundo a autora, revela um comportamento híbrido, próximo a um nível intermediário entre uma categoria de predicador e de um elemento fórico, já que pode ser, por um lado, interpretado como um predicador de ação, mas, por outro, tal ocorrência tem o seu significado atrelado a informações ativadas na situação comunicativa. O exemplo (ii) exhibe características mais próximas de uma proforma, já que retoma a predicação “investir em saúde e educação”. Machado Vieira descreve que *fazer* se relaciona ao processo de discursivização, já que a mudança de verbo predicador para proforma especializa tal verbo para uma função discursivo-textual.

Os trabalhos focalizados nesta seção revelam que há pouca investigação acerca das proformas verbais em dados do português do Brasil. Fávero (2004) e Koch (2016) apenas sinalizam a existência da categoria e apresentam alguns exemplos para ilustrar. Rassi (2008) e Machado Vieira (2001) oferecem contribuições de mais fôlego, no âmbito da especificação sintático-semântica a que se submete *fazer*, que passa a funcionar como um elemento referencial, assim como pronomes, por exemplo. Com isso, acreditamos que a estratégia de se referir a uma predicação anterior ou posterior é um movimento discursivo muito recorrente não somente no inglês, que marca tal expediente com a forma *do*, como também em português com o *fazer*. A impressão que se tem sobre o inglês, no entanto, é a de que o uso de *do* é bem mais sistemático; ou seja, parece estar mais encaixado no sistema linguístico.

2. A Linguística Funcional Centrada no Uso e os enfoques da construcionalização e da mudança construcional

Nesta seção, (i) descrevemos a LFCU e sua relação com a abordagem construcional de Traugott e Trousdale (2013); (ii) discutimos os dois tipos de mudança concebidos por Traugott e Trousdale (2013), a construcionalização e a mudança construcional; e (iii) avaliamos hipóteses quanto à pertinência dessas orientações teórico-metodológicas para o tratamento da CPF.

Este texto fundamenta-se num modelo de língua que tem a construção – pareamento entre forma e função – como unidade básica de análise – (GOLDBERG, 1995, 2006 e CROFT, 2001) e que vem sendo tratado a partir da interface Funcionalismo x Cognitivismo, rotulada, em pesquisas atuais,

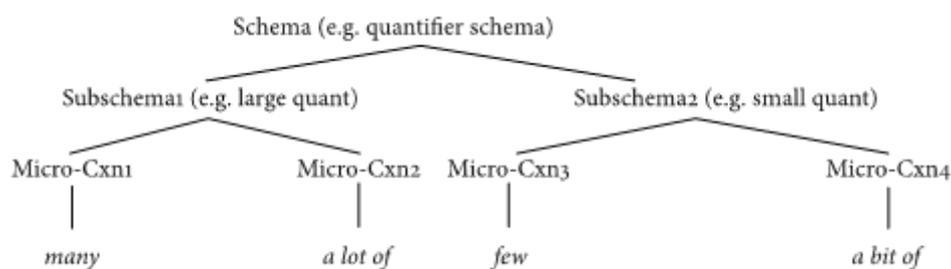
de Linguística Funcional Centrada no Uso (cf. ROSÁRIO & OLIVEIRA, 2016). Essa perspectiva teórico-metodológica concebe o sistema linguístico como uma rede de construções baseada e motivada pelo uso, concebido não apenas a partir formas (o uso da construção em si), mas também pelos contextos que o envolvem.

Um dos temas tratados pelo Funcionalismo é a mudança via gramaticalização. Pesquisas sobre tal processo incorporaram, recentemente, uma série de questões discutidas por abordagens acerca da Gramática de Construções (TRAUGOTT, 2008 e TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013). Percebemos, nesses trabalhos, uma reorientação sobre a percepção de mudança que passa a ser compreendida não apenas como um processo que afeta um item, mas sim uma rede estruturada de construções, que deve capturar o conhecimento linguístico dos falantes. Traugott e Trousdale (2013) abordam processos que permitem o surgimento de novos nós, com especificação nova de forma e significado, fenômeno para o qual eles atribuem o rótulo de “construcionalização” e processos que afetam apenas uma dimensão da construção (tamanho, especificidade ou conceito) e que não geram um novo nó, fenômeno para o qual reservam o nome “mudança construcional”.

Traugott e Trousdale (2013) propõem que o processo de mudança que envolve construções linguísticas é captado a partir de três diagnósticos. O primeiro deles é um aumento da esquematicidade, que é controlada, por exemplo, com base na detecção do afrouxamento das restrições semânticas. O segundo é a produtividade, que se relaciona à frequência de uso. Por fim, tem-se a composicionalidade, que explica o aumento gradual de congelamento formal e semântico, até o ponto de o significado de toda a construção não ser mais completamente derivável do significado de suas partes.

Para entendermos esquematicidade, é importante que compreendamos a arquitetura proposta por Traugott & Trousdale (2013), acerca do arranjo das construções em rede. Como percebemos na figura a seguir, eles oferecem uma hierarquia de relações entre as construções, que pode ser dividida nos níveis do esquema, do subsquema e da microconstrução.

Figura 1: Hierarquia entre construções



Fonte: Traugott & Trousdale (2013, p. 17).

Na figura (1), fazendo uma leitura na direção de cima para baixo, verificamos, na posição mais alta, o nível do esquema (mais abstrato), que pode fornecer uma série de possibilidades de subesquemas (com um grau maior de especificação). O nível da microconstrução é fonologicamente especificado e compreende diferentes preenchimentos de *slots*; são chamados, também, de construtos (cf. TRAUGOTT, 2008).

A partir dessa representação, Traugott & Trousdale (2013) compreendem que o usuário que conhece e usa diferentes microconstruções, também, conhece, de forma não consciente, os níveis do subesquema e do esquema. Tal nível de inconsciência explica, parcialmente, o processo de aquisição de língua materna, por exemplo. As crianças adquirem esquemas e vão especificando cada vez mais com base, entre outros aspectos, nos contextos de uso aos quais são submetidas.

Esquematicidade envolve o nível de abstração que se identifica num processo de generalização de construções. Dessa forma, afirmamos que uma construção é bastante esquemática em situações em que percebemos um alto grau de abstração ou de generalização semântica. No que diz respeito ao fenômeno analisado neste texto, cogitamos, numa primeira concepção de arquitetura de rede, um “esquema de foricidade”, por exemplo. A partir de tal nível, a rede de construções, mais específicas, se forma, com base na detecção de construções relacionadas (construções com proformas verbais, construções com proformas nominais, construções de substituição lexical etc.).

Sobre produtividade, Traugott & Trousdale (2013) entendem que o aumento na frequência de uso equivale ao aumento na frequência da construção; ou seja, em termos de extensibilidade produtiva, tal processo avalia a capacidade que um esquema tem para instanciar novas e incontáveis construções, assim como a limitação dessas instâncias. A produtividade, pois, avalia quantas outras construções menos esquemáticas podem ser licenciadas ou restringidas.

A partir do exposto, a hipótese que justifica a vinculação do objeto de estudo em questão à abordagem da construcionalização e da mudança construcional é a de que existe um esquema construcional com função referencial acionado com diferentes preenchimentos de *slots*, a depender, dentre outros aspectos, do valor semântico do predicado referente (se é de ação, por exemplo). Mais especificamente, conjecturamos que predicados referentes com valor de ação ou ação-processo estão habilitados para que sejam retomados pela construção com *fazer*. Outros significados do predicado referente, como predicados de valor cognitivo, por exemplo, tendem a bloquear o uso da CPF.⁴

4 Alguns exemplos serão analisados na seção de análise dos dados.

3. Construções com proformas verbais no português do Brasil

A análise dos dados coletados, que se baseia numa metodologia qualitativa, consiste em três etapas: (i) discutimos os três tipos de construções com *fazer* detectados, de acordo com o comportamento da construção no texto; (ii) descrevemos a relação das CPF's com outras construções transitivas com *fazer*, como, por exemplo, construções com verbo-suporte; e (iii) abordamos aspectos de alternância, considerando o fato de que a repetição do predicado referente é uma possibilidade para marcar a relação fórica.

A construção de predicado fórico é esquemática e abstrata, já que podemos atribuir a esse esquema a configuração [VPron]_{CPF}, na qual V é um *slot* que é ocupado por *fazer* e Pron é outro *slot* que pode ser preenchido por formas que tenham um significado, especificamente, fórico. Para este artigo, selecionamos alguns *types* específicos, em razão da necessidade de se fazer um recorte e da hipótese de serem mais frequentes. Optamos por formas do verbo, quanto ao tempo, no passado perfeito e no presente e, quanto à pessoa, na terceira, pelo fato de os textos coletados serem, predominantemente, notícias ou blog de notícias, capturados a partir do *Corpus do Português* (<https://www.corpusdoportugues.org>) e do buscador *Google* (<https://www.google.com>). Nesses gêneros, estruturados numa base narrativa, predominam os tempos e as pessoas verbais citados. Para o tratamento de aspectos relacionados à alternância, recorreremos a dados coletados do *Corpus* do Grupo Discurso & Gramática (<https://discursoegramatica.wordpress.com/corpus/>). Os *types* selecionados são: *fez/faz isso*, *o fez/faz*, *fez/faz o mesmo*, *fez/faz o quê*, *fez/faz alguma coisa*, *fez/faz algo* e *fez/faz assim*.

3.1. Tipos de construções de predicado fórico

Identificamos, com base no comportamento funcional no texto, três grupos de instâncias do esquema [VPron]_{CPF}; ou seja, três tipos de mesoconstruções: (i) um em que *fazer* + elemento fórico cumprem um papel sintático-textual de anáfora, tipo em que a construção tende a se remeter a um predicado do universo textual; (ii) outro em que, a CPF antecipa, por meio de uma relação catafórica, algum predicado posterior; e (iii) um tipo em que a construção se conecta ao contexto extralinguístico. Tais casos estão exemplificados a seguir:

(3): “Quando vi, achei que ia esperar eu passar, mas ele estava de cabeça baixa e acelerou na minha direção”, disse. Mailson afirma que logo após a colisão foi em direção a Jaison, mas outra lancha, a *Bons Amigos*, estava mais próxima do pontão e levou as vítimas com Jaison para a beira do rio. Nesse período, Mailson recolheu os coletes da lancha Dona Shirley, que caíram no rio, e foi

falar com Jaison. “Perguntei por que ele **fez isso** e ele disse: ‘pensei que dava para passar’”, disse. (<http://acritica.uol.com.br/manaus>, Acesso em 12/12/2019)

(4): *Olha, eu so gostaria de relatar um fato que eu percebo nesse fato da familia assassinada. Porque o adolescente de 13 anos, consegue agir normalmente sabendo que a familia inteira dele está morta. Que tipo de ser humano consegue ser tão frio diante de esse ocorrido, o normal não seria ele **fazer algo?** pedir socorro ou qualquer outra coisa?* (<http://acidblacknerd.wordpress.com/2013/08/07/menino-mata-a-familia-por-cao-do-jogo-assassins-creed/>, Acesso em 12/12/2019)

(5): *Daniel foi a as lágrimas após aceno de Messi. Daniel imediatamente ficou eufórico, gritando que Messi era seu ídolo. Levou a mão ao rosto e depois abraçou os amigos que o acompanhavam. Chegou a sentar no chão, muito emocionado, após conversar com a imprensa argentina. - Eu falei: “Messi, eu te amo!”. Na hora que ele **fez assim** (positivo com o dedo) pra mim, eu não aguentei, caí em prantos. Muita emoção! - disse Daniel.* (<https://globoesporte.globo.com/futebol/selecoes/argentina/noticia/aceno-de-messi-apos-grito-de-te-amo-e-suficiente-para-levar-fa-carioca-as-lagrimas.ghtml>, Acesso em 12/12/2019)

Em (3), observamos a CPF *fez isso* retomando anaforicamente o predicado *acelerou na minha direção*. O predicador do referente, *acelerou*, designa uma situação dinâmica e tem valor semântico que se enquadra no universo da atividade, que, segundo Travaglia (1991: 54), “se caracteriza por ter um agente que realiza a situação por seu empenho próprio, portanto o sentido base pode ser representado por algo como “x faz y””.

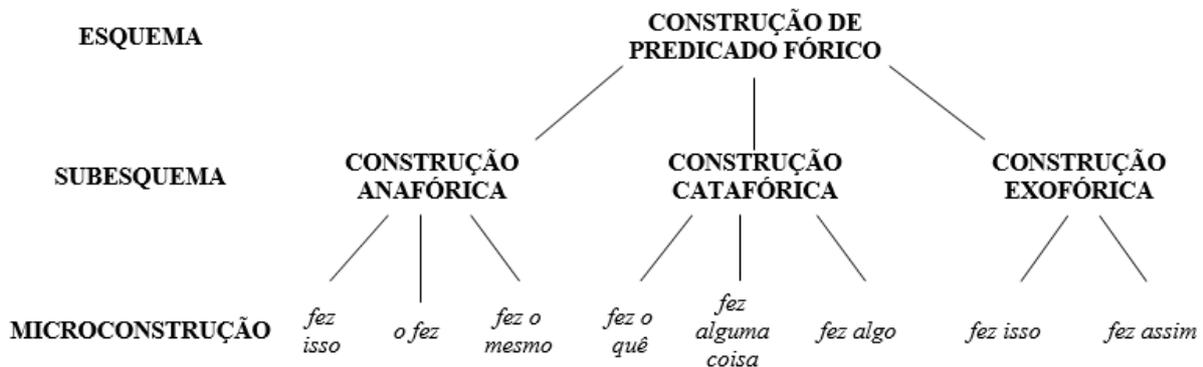
No exemplo (4), a construção *fazer algo* está numa configuração de pergunta e se relaciona cataforicamente a *pedir socorro*, predicado que demanda atividades como *gritar*, *chamar* e, por isso, expressa significado de ação. Segundo Machado Vieira (2001), construções desse tipo têm uma relação mais próxima com o contexto que envolve o enunciado, já que, quando o falante propõe a questão *o normal não seria ele fazer algo*, antes que ele mesmo responda, os interlocutores acionam as possibilidades de conexão catafórica para *fazer algo*, com base no conhecimento sobre o assunto; ou seja, a partir da situação sócio-comunicativa.

Na CPF (5), a subparte *assim* não se categoriza como um elemento essencialmente fórico – *assim*, no seu uso mais básico, é um advérbio que manifesta circunstância de modo –, mas percebemos que o usuário desenvolve uma pequena narrativa e a construção *fez assim* conecta-se, foricamente, a uma espécie de movimento corporal; ou seja, à forma como o dedo se moveu para indicar o sinal

de positivo. Em outras palavras, para que o interlocutor construa o significado mais próximo dos objetivos do falante, é extremamente necessário que o ouvinte veja o movimento executado. No entanto, como se trata de uma reprodução de fala dentro de uma notícia escrita, foi necessário que esse contexto fosse descrito (*positivo com o dedo*) para que a relação fórica fosse estabelecida. A construção da referência, como aponta Koch (2016), pode extrapolar os limites do texto e pode usar, como pontos de referência, elementos do contexto, conforme o exemplo (5) mostra. Esse tipo de consideração aproxima-se bastante da proposta semiótica, pois, nesta, as imagens entram numa configuração veiculadora de sentidos e podem contribuir para o estabelecimento da coesão. Segundo Nascimento (2018, p. 322), “a referenciação está vinculada tanto a um sistema, que abrange referência e referente, quanto a um processo, que envolve as situações que dependem das relações subjetivas e intersubjetivas com o mundo e com as coisas”.

A identificação desses três tipos de CPF’s possibilita a elaboração de uma primeira rede. A figura (2) mostra, (i) no nível mais esquemático, a CPF; (ii) no nível intermediário, ou do subesquema, as três construções identificadas, com base na forma como funcionam no texto, e (iii), no nível da microconstrução, o *type* específico (cf. TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013).

Figura 2: Rede construcional da CPF, de acordo com os tipos identificados



Fonte própria

Assumimos aqui que *fez isso* apresenta forte cristalização formal – todos os resultados de uma busca feita a partir da entrada *fez isso* são de CPF’s –, mas seu significado ainda é mais composicional, nos termos de Traugott e Trousdale (2012), pois depende do sentido do seu referente. *Fez isso* pode ser instância de qualquer um dos subesquemas descritos na figura (2), como observamos nos exemplos a seguir:

(6): *Quebrar cenário no ar para ganhar um novo parece estar virando moda em programas populares da Record pelo Brasil. Na noite desta sexta-feira (25), o apresentador Paulo Gomes, do “Cidade Alerta Paraná”, quebrou o estúdio do seu programa ao vivo. Paulo Gomes disse no ar que **fez isso** porque perdeu a paciência. Durante a atração, vários problemas técnicos começaram*

a acontecer, dentre eles telões que não funcionavam e luzes dando defeito. (<http://midiabahia.com.br/videos-2/2016/11/28/apresentador-de-cidade-alerta-quebra-cenario-do-programa/>, Acesso em 08/09/18)

(7) “Agora é ir atrás de quem **fez isso daí**”, desabafa general Santos Cruz sobre mensagens falsas. Ex-ministro pede que Polícia Federal continue a investigar quem forjou conversas atribuídas a ele com ofensas ao presidente Bolsonaro. (<https://gauchazh.clicrbs.com.br>, Acesso em 03/02/20)

(8) Depois de ficar afastada do marido por conta da infecção da Covid-19 que os dois pegaram, Luisa Mell finalmente teve uma boa notícia: a ativista foi surpreendida pela volta do marido, o empresário Gilberto Zaborowsky, para casa, após internação para tratar pneumonia causada pelo coronavírus. “Não acredito, olha quem está aqui! Não acredito que você **fez isso**”, exclamou em publicação em que mostra a volta de Gilberto nos stories. Luisa também postou um vídeo com o marido em seu perfil, agradecendo o apoio das pessoas. (<https://www.hypeness.com.br/2020/04/coronavirus-luisa-mell-e-surpreendida-por-marido-que-volta-mais-cedo-de-internacao/>, Acesso em 01/04/20)

Em (6), *fez isso* recupera anaforicamente o predicado *quebrou o estúdio do seu programa ao vivo*. O exemplo (7) ilustra um caso de referência catafórica, na qual *fez isso daí* antecipa o predicado *forjou conversas atribuídas a ele com ofensas ao presidente Bolsonaro*. Tal dado nos chama à atenção, pois há uma espécie de reforço coesivo com o uso de *daí*, forma que se enquadra na categoria de elementos com significado fórico. Em (8), há uma reprodução de uma publicação do *Instagram*, em que o falante realiza a sentença *não acredito que você fez isso* para expressar o sentimento de surpresa pelo fato de o marido ter voltado antes do previsto do hospital. Ou seja, há um contexto que podemos traduzir como algo do tipo *voltou antes do esperado para casa* que serve de referência para *fez isso*.

3.2. A relação entre a CPF e a construção com verbo-suporte

Uma outra forma de moldarmos a rede construcional em que se leve em consideração a construção com *fazer* é admitir que a CPF é um tipo derivado das construções transitivas, tal como descreve Goldberg (1995), com uma especificidade funcional de referência fórica. Outras construções transitivas com *fazer*, também, são licenciadas, como, por exemplo, construções com verbo-suporte, que é

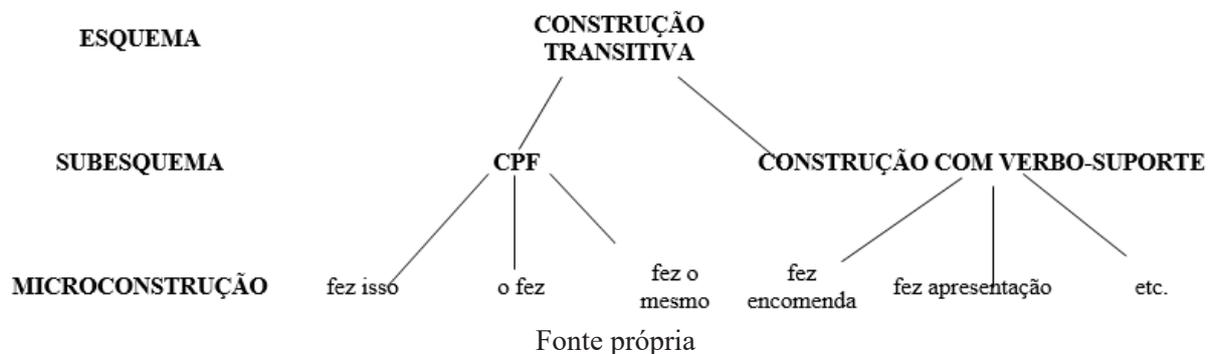
(...) o nome dado a usos de formas verbais que operam rotineiramente sobre um elemento não-verbal (em geral, um constituinte nominal – substantivo ou adjetivo –, embora seja possível outra configuração) desprovido de sua função primária referencial ou atributiva, conferindo-lhe estatuto verbal e formando com ele uma unidade funcional predicante, ou seja, um predicador complexo. (MACHADO VIEIRA, 2018, p. 93)

Esse predicador complexo compartilha semelhanças com a CPF por apresentar características de cristalização formal. O que, consideravelmente, diferencia as duas construções é a contraparte semântica. No exemplo (9), a seguir, a forma *faz* opera sobre o elemento *negociação*, formando uma espécie de unidade compósita que pode ser traduzida pela forma verbal *negocia*.

(9) *Eletrobras faz negociação de dívidas atrasadas com consumidores no Acre.* (Retirado de MACHADO VIEIRA, 2018, p. 94).

Assumimos, nesse texto, que a CPF e a construção com verbo-suporte são afetadas, de forma similar, pelo processo de mudança construcional (cf. TRAUGOTT & TROUSADALE, 2013); ou seja, *fazer* passa a sofrer os efeitos da gramaticalização causados pelas especificidades do *slot* construcional e passa a vincular-se, formando, em diferentes graus, uma expressão cristalizada. Esse processo de mudança é motivado por questões metonímicas, pois, considerando que o significado lexical básico de *fazer* é “construir”, predicadores que designam qualquer “atividade realizável” podem ser associados metonimicamente a *fazer*. É por isso que são comuns construções como *fazer comida*, *fazer ginástica*, *fazer consideração*, já que a frequência do *type* [FazerX]_{CVP} (Construção com Verbo Suporte) é bastante alta. A partir dessa associação entre a CPF e a construção com verbo-suporte, propomos a seguinte hierarquia construcional:

Figura 3: Hierarquia construcional do esquema “construção transitiva”.



3.3. Variação linguística e o uso da CPF

Em termos de encaixamento do fenômeno ao sistema linguístico do PB (cf. WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006) percebemos que a CPF ainda encontra algumas restrições, em relação a uma língua que usa tal construção de modo mais regular, como o inglês, por exemplo. No português, o impedimento de uso da CPF faz com que os usuários realizem uma construção de repetição do predicador referente, como vemos no dado (10), a seguir.

(10) (...) *ahn... foi.../ tudo começou quando eu estava na:: quinta... sexta série... (um) negócio assim... aí tinha um amigo meu... que o nome dele era Luiz Eduardo... aí () o pessoal chamava ele de Dudu ... ou então Lulu... né? aí ele/ teve um dia que eu estava vindo do colégio... aí passei no sacolão... eu e minha irmã... aí encontramos com ele e com uns amigos dele... aí ele chamou pra apresentar... aí um dos amigos dele... se chamava Geovane... aí... né? conversa vai... conversa vem... aí a gente ficou um tempão sem se ver... aí depois eu e minha irmã passamos a frequentar a igreja... a igreja católica ali na:: Vila Pereira Carneiro... e:: de repente a gente () deu de cara com ele... só que na época a gente nem **lembrava [de Luiz Eduardo]** mais... muito bem... que o nosso amigo tinha apresentado... né? aí ele começou a falar “puxa... lembra aquele seu amigo (tal)... não lembra não? ele apresentou a gente” tal... aí eu fui me lembrando aos poucos... aí ele passou a frequentar a minha casa... aí pintou o clima... aí eu comecei a gostar dele... aí... né? (Corpus D&G – Niterói – Inf. 9 – Narrativa de Experiência Pessoal)*

No exemplo (10), o informante, no processo de construção de sua narrativa, estabelece a referência ao predicado referente *lembrava mais (de Luiz Eduardo)*, mas como o predicador referente, *lembrar*, tem valor semântico mais próximo de um verbo cognitivo, uma construção fórica com *fazer* tende a ser evitada (“a gente nem lembrava mais de Luiz Eduardo / aí eu fui *fazendo isso aos poucos). No inglês, por outro lado, alguns tipos semânticos bloqueados em português permitem o uso de *do* na construção de predicado anafórico, como observamos no exemplo retirado do seriado *Friends*.

(11): Monica: *I thought that you wanted live by yourself*. Joey: *I **did**. I thought that would be great.*⁵ (Friends: Temporada 02, Episódio 17)

No exemplo (11), percebemos que a forma *did* está retomando *wanted live by yourself*, cujo significado é de volição, tipo semântico que, no PB, não pode servir de referente para uma construção com *fazer* (“O que vocês vão fazer? *Vamos querer viver sozinhos”). Nossa hipótese é a de que a CPF com *fazer*, no inglês, esteja num ponto muito avançado do *continuum* do encaixamento; tanto na estrutura linguística como na estrutura social, nos termos de Weinreich, Labov e Herzog (2006). Essa conjectura ganha eco em ocorrências como em (12), em que notamos um predicado referente *conhecer*, de noção cognitivo-perceptual, sendo retomado pela construção *did*.

(12) *But he had served in the country's parks since the day they were established in 1948. He was part of a small elite, kin by blood and marriage and vocation, that for twenty-five years had*

5 Tradução livre: Monica: *Eu pensei que você queria viver sozinho*. Joey: *Eu queria. Eu pensei que seria ótimo*.

*dominated the great twin parks of Tsavo East and Tsavo West: 8000 square miles in the southeast corner of the country between Nairobi and Mombasa. The parks were famous for their dangerous game -- enormous elephants, man-eating lions. Tsavo, from a now-forgotten tongue, was said to mean slaughter. No one knew this land like he **did**.*⁶ (Corpus do Inglês Americano Contemporâneo, Fonte: MAG, Rolling Stone)

Há ocorrências em que notamos a possibilidade de uso da CPF, mas percebemos as mesmas construções de repetição do predicado referente (ou apenas do predador referente). Para esses casos, entendemos que há uma aparente situação de alternância entre construções. Assim como em outros fenômenos de coesão referencial, no caso do objeto de estudo do presente texto, o usuário tem à sua disposição, como vemos nos exemplos a seguir, pelo menos, duas possibilidades para marcar tal referência: (i) o uso da CPF e (ii) repetição total ou parcial do predicado referente.

(13): Entrevistador: *eh... você sabe **fazer alguma coisa**... Aydano?* Informante: *eh... eu sei **dirigir** ((riso))* Entrevistador: *ahn... Você poderia... me contar... né? como é que você **faz isso**?* Informante: *como eu **dirijo**? eu dirijo:./ bom... **dirijo** com cuidado... né? chego... entro no carro... deixo esquentar um pouquinho... **dirijo** devagar... arranco sem esticar as marchas... sem esticar marcha nenhuma...* (Corpus D&G – Niterói – Inf. 1 – Relato de Procedimento)

(14): (...) *ele puxou o dinheiro... e viu a minha carteira... eu pedi pra ele não levar os meus documentos... pedi... pra ele **deixar os documentos** e ele **deixou**... aí ele saiu...* (Corpus D&G – Niterói – Inf. 7 - Narrativa Pessoal)

(15): (...) *uma coisa que eu sei **fazer bem**... é **arrumar a casa**... eu ((riso)) eu primeiro... pra mim **arrumar a casa**... tenho que estar sozinho... com o rádio ligado assim... não muito alto... né? mas... mais ou menos... (pra não) atrapalhar o vizinho... (Corpus D&G – Niterói – Inf. 9 – Relato de Procedimento)*

(16): (...) *aí ele começou a contar que ele estava sozinho de barco... aí estava assim... mar a/ praticamente aberto... né? aí ele avistou uma ilha assim... pequena... né? não muito pequena...né? uma ilha... aí ele foi **se aproximando**... aí ele disse que quanto mais ele **se aproximava** parecia que a ilha se afastava... aí então ele acelerou mais ainda o barco e conseguiu chegar junto da ilha...* (Corpus D&G – Niterói – Inf. 9 – Narrativa Recontada)

⁶ Tradução livre: *Mas ele servia nos parques do país desde o dia em que foram fundados em 1948. Ele fazia parte de uma pequena elite, parentes de sangue, casamentos e vocação, que, durante vinte e cinco anos, dominou os grandes parques de Tsavo East e Tsavo Oeste: 8000 milhas quadradas no canto sudeste do país entre Nairóbi e Mombasa. Os parques eram famosos por seu jogo perigoso - elefantes enormes, leões devoradores de homens. Diz-se que Tsavo, de uma língua agora esquecida, significa abate. Ninguém conhecia esta terra como ele conhecia.*

Nos quatro exemplos acima, há a reiteração do predicador referente, como forma alternante para o estabelecimento da coesão referencial. Manipulando esses dados – o que está em destaque é a parte alterada –, com vistas à testagem da manutenção da similaridade semântica, chegamos ao seguinte:

(13a): *Entrevistador: eh... você sabe fazer alguma coisa... Aydano? Informante: eh... eu sei dirigir ((riso)) Entrevistador: ahn... Você poderia... me contar.. né? como é que você faz isso? Informante: como eu **faço isso**? eu dirijo:./ bom... **faço isso** com cuidado... né? chego... entro no carro... deixo esquentar um pouquinho... **faço isso** devagar... arranco sem esticar as marchas... sem esticar marcha nenhuma...* (Exemplo 13 manipulado)

(14a): (...) *ele puxou o dinheiro... e viu a minha carteira... eu pedi pra ele não levar os meus documentos... pedi... pra ele deixar os documentos e ele **fez isso**... aí ele saiu...* (Exemplo 14 manipulado)

(15a): (...) *uma coisa que eu sei fazer bem... é arrumar a casa... eu ((riso)) eu primeiro... pra mim **fazer isso**... tenho que estar sozinha... com o rádio ligado assim... não muito alto... né? mas... mais ou menos... (pra não) atrapalhar o vizinho...* (Exemplo 15 manipulado)

(16a): (...) *aí ele começou a contar que ele estava sozinho de barco... aí estava assim... mar a/ praticamente aberto... né? aí ele avistou uma ilha assim... pequena... né? não muito pequena...né? uma ilha... aí ele foi se aproximando... aí ele disse que quanto mais ele **fazia isso** parecia que a ilha se afastava... aí então ele acelerou mais ainda o barco e conseguiu chegar junto da ilha...* (Exemplo 16 manipulado)

O uso das construções de repetição mantém, em algum grau, correspondência de significado com as construções com *fazer*, a partir da comparação entre as ocorrências (13), (14), (15) e (16) e (13a), (14a), (15a) e (16a). Conforme trata Machado Vieira (2016), é necessário que se questione uma descrição, pautada num modelo baseado no uso, que não leve em conta construções similares/alternantes numa concepção de gramática forjada pelo uso, já que há inúmeros fatores (sociais, discursivos, cognitivos) que coatuam para regularização de determinadas ocorrências em detrimento de outras, ou para manutenção de uma variação estável.

Esse modo de encarar os dados construcionais, numa perspectiva de que há construções com algum grau de similaridade semântica, encontra eco na proposta de Cappelle (2006) sobre as “aloconstruções”, conceito muito próximo ao de “alomorfe” e “alofone”. O autor propõe, com

base na descrição da construção transitiva “verbo-partícula”, que pode haver dois (ou mais) padrões construcionais concebidos como variantes de uma construção parcialmente subespecificada.

A semelhança entre duas ou mais aloconstruções, instanciadas por um esquema comum, pode ser incluída no conjunto de conhecimentos do falante sobre sua língua, o que permite analisar e descrever o elo de correspondência entre as aloconstruções como um objeto linguístico. Numa abordagem mais cognitiva, Cappelle (2006) afirma que alternâncias armazenadas mentalmente ou *links* de semelhança correspondem, mais ou menos, às “relações categorizadoras” de Langacker (1987), sobre as quais ele comenta: “Cada relacionamento é uma rotina cognitiva, mais especificamente um evento de comparação estabelecido, avaliando um nó em relação a outro” (LANGACKER 1987, p. 379 *apud* CAPPELLE, 2006, p. 22).

Assumindo a variação como um tratamento intrínseco a um modelo centrado no uso, o esquema, ou macroconstrução, nos termos de Traugott (2008) de predicado fórico instancia *fazer* + elemento fórico e construção de repetição do predicado referente, que, na proposta de arquitetura da rede, conforme orientação de Traugott e Trousdale (2013), estariam no nível do subesquema. A leitura dessa rede na horizontal capta, segundo Capelle (2006), a variação construcional, como demonstrado na figura (4), a seguir.

Figura 4: Construção de predicado fórico e suas aloconstruções.



Considerações finais

Buscamos, neste texto, demonstrar, por meio de uma análise, predominantemente, qualitativa, contextos em que o verbo *fazer* integra uma construção referencial que se conecta anafórica ou cataforicamente a outros predicados do texto ou do contexto. Para tanto, as análises empreendidas partiram de algumas descrições e menções ao fenômeno (FÁVERO, 2004; KOCH, 2016; RASSI, 2008; e MACHADO VIEIRA, 2001) e sustentaram-se em orientações teórico-metodológicas acerca do tratamento (i) de construções linguísticas (GOLDBERG, 1995); (ii) da mudança que afeta e (re-) configura a rede construcional (TRAUGOTT & TROUSADALE, 2013); e (iii) da relação entre aspectos funcionalistas e cognitivistas (ROSÁRIO & OLIVEIRA, 2016).

As análises identificaram, com base no comportamento no texto, três tipos de CPF's: construção anafórica, construção catafórica e construção exofórica. Descrevemos, ainda, que a construção de predicado fórico com *fazer* é uma subespecificação da construção transitiva (cf. GOLDBERG, 1995) e compartilha com a construção com verbo-suporte a propriedade de baixa composicionalidade e maior coalescência (cf. TRAUGOTT & TROUSADALE, 2013). Os dados revelaram, também, que o serviço de estabelecer referência a um determinado predicado não é exclusividade da construção com *fazer*. Detectamos ocorrências de repetição do predicado referente, o que gera, com isso, uma situação de alternância entre construções (cf. CAPELLE, 2006) e, conseqüentemente, uma discussão sobre graus de similaridade semântica (cf. MACHADO VIEIRA, 2016). Com base nisso, chegamos a outro arranjo de rede em que a construção de repetição se configura como uma instância do esquema “construção de predicado fórico” e dispõe-se, horizontalmente, ao lado da construção com *fazer*.

As análises sobre o fenômeno não se esgotam neste texto. Como etapas posteriores de pesquisa, objetivamos abordar a construção em questão por outros caminhos. Cabem, ainda, discussões, mais detalhadas, acerca da frequência e produtividade dos casos aqui descritos, especialmente, para que se revele o ponto de encaixamento do fenômeno no sistema linguístico do português. Não se pode perder de vista que o tratamento da frequência deve ser comparado, em alguma medida, ao inglês, por exemplo, que usa a CPF de forma muito mais encaixada ao sistema. A produtividade, também, é importante para compreender os contextos em que se usa a repetição como forma alternante para a construção com *fazer*; ou seja, importante para delimitar os fatores condicionantes ao uso de uma ou outra construção. Por fim, acreditamos que uma metodologia experimental de percepção de uso possa contribuir para identificação e validação da CPF.

Referências

- CAPPELLE, B. Particle placement and the case for ‘allostructions’. In *Constructions All Over: Case Studies and Theoretical Implications*, Doris Schönefeld (ed.), p.1-28, 2006.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 2004 [1991].
- GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2016 [1989].

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. *Sintaxe e semântica de predicções com verbo “fazer”*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2001.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Variação e mudança na descrição construcional: complexos verbo-nominais. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, 2016.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Predicar com construções com verbo suporte. In: PAULA, Alessandra; GOMES, Danielle Kely; SILVEIRA, Eliete Figueira Batista da; MACHADO VIEIRA, Márcia dos Santos; e VIEIRA, Sílvia Rodrigues. *Uma história de investigações em língua portuguesa: uma homenagem a Silvia Brandão*. São Paulo: Bluscher, 2018.

MOURA NEVES, Maria Helena de. *Guia de uso do português: confrontando regras*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

NASCIMENTO, Flaviano Batista do. O processo de referenciação de um folheto: uma leitura semiótica. *Cultura e Tradução* v. 5, n. 1, 2017.

RASSI, Amanda Pontes. *Estatuto sintático-semântico do verbo “fazer” no português escrito do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, 2008.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. & OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, São Paulo, 60 (2): 233-259, 2016.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, Regine;

JÄGER, Gerhard; e VEENSTRA, Tonjes. (eds.), *Variation, Selection, Development—Probing the Evolutionary Model of Language Change*, 219–250. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil*. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1991.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de M. Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].